



SAÚDE MENTAL EM MULHERES EVANGÉLICAS NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Rebecca Ferreira Lobo Andrade Maciel

Resumo: Mais de 92% da população brasileira é religiosa e, desses, 23,4% são evangélicos, segundo o IBGE de 2010. Dentro das igrejas evangélicas, 57% são mulheres. Hoje, alguns autores, como Ronaldo Almeida (2006), supõem que o número de evangélicos deve aumentar. No caso do Rio de Janeiro, este número é agravado devido à história de nosso estado com essa Religião. Pensando nesta realidade, desejamos construir um grupo psicoterapêutico voltado para mulheres evangélicas, respeitando suas culturas, linguagens e espiritualidades. Desse modo, consideramos o recorte religioso para acessar esse público e pensamos possibilidades de tratamento que englobe sua cultura e linguagem.

Palavras-chave: Gênero. Saúde Mental. Evangélicas.

Abstract: More than 92% of the Brazilian population is religious, of which 23.4% are evangelical, according to the IBGE 2010. Within evangelical churches, 57% are women. Today, some authors, such as Ronaldo Almeida (2006), assume that the number of evangelicals should increase. In the case of Rio de Janeiro, this number is aggravated due to the history of our state with this Religion. Thinking about this reality, we want to build a psychotherapeutic group focused on evangelical women, respecting their cultures, languages and spiritualities. Thus, we consider the religious approach to access this audience and think about treatment possibilities that encompass their culture and language.

Keywords: Gender. Mental Health. Evangelicals.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Mais de 92% da população brasileira é religiosa e, desses, 23,4% são evangélicos, segundo o IBGE de 2010. Dentro das igrejas evangélicas, a média é que 57% são mulheres. Em algumas, como a Igreja Universal do Reino de Deus, esse número chega a 75% da membresia. Ronaldo Almeida No caso do Rio de Janeiro, este número é agravado devido à história de nosso estado com essa Religião: grandes igrejas cresceram na cidade.

Entendendo o território do Rio de Janeiro, temos uma composição que “apresenta, além do caráter político, um nítido caráter cultural, especialmente quando os agentes sociais são grupos étnicos, religiosos ou de outras identidades”.¹ A religião tem um papel muito forte nos símbolos desta cidade e na constituição de sua subjetividade coletiva. Isso reflete diretamente nos dados de evangélicos: no Brasil, à época, eram 16%, enquanto na cidade do Rio de Janeiro eram 18% e no estado, 23%. De modo geral, atualmente, podemos dizer que, se os evangélicos no Brasil são mais de 23%, a capital do Rio já facilmente tem 30% de evangélicos e o estado, 35%. É uma população muito grande e, em sua maioria, são mulheres, negras e periféricas, que moram na zona oeste, norte e baixada fluminense.²

Esta mesma população tem menor acesso ao sistema público de saúde e ao tratamento psicoterápico. Em contrapartida, tem vasto acesso a comunidades evangélicas, cujos discursos apontam para a desvalorização do tratamento psicológico ou, quando respeitado, apoiam uma Psicologia Cristã, não reconhecida pelo Conselho Federal de Psicologia, dentro de nosso Código de Ética. A busca então é por uma possibilidade, dentro da psicologia social, de aproximação e entendimento de quais são os sofrimentos dessa população, sem se afastar do princípio ético da profissão.

¹ ROSENDAHL, Zeny. Território e territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da Religião. Geografia: temas sobre cultura e espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, pp. 191-226, 2005.

² IBGE. Estatísticas do CENSO 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_religiao_deficiencia/caracteristicas_religiao_deficiencia_tab_pdf.shtm>. Acesso em: 28 mai. 2019.

Além disso, Souza³ enfatiza a dupla marginalidade de uma pesquisa como esta: primeiro, por ser sobre Religião, um tema pouco visto nas Ciências Sociais, e sobre Gênero, que, embora em voga na sociedade, é considerado uma ideologia perigosa. As mulheres, que sempre foram atuantes em suas comunidades e são peças fundamentais para se entender o protestantismo brasileiro, são colocadas ainda como um subgrupo menor de análise.

Gênero é um termo em disputa. Trata-se de um termo relacional, que agrega classe, raça, etnias e sexualidades a fim de manter hierarquia sexual. Assim, gênero pode ser visto como representações com implicações corporais, contextuais e concretas⁴ a partir do sexo biológico, que é processo de performatividade, mas também o fruto final desta construção. E, além disso, gênero tem uma grande implicação na saúde mental destas mulheres, sendo um determinante social que deve ser levado a sério nas análises e pesquisas na psicologia.⁵ Ele configura o que não é dito⁶ e quem pode dizer o que.⁷ E, no que é dito, o homem como o que fala racionalmente e a mulher, insana e louca.⁸

Os únicos lugares a qual as mulheres teriam possibilidade de se expressar são dentro do espaço doméstico, mesmo assim sendo limitado pelo casamento e a maternidade.⁹ E assim foi constituído uma ideia de mulher única, modelo ideal, sendo que, entretanto, a categoria mulheres é plural, com diferentes referências e potencialidades como a mulher negra, lésbica, indígenas, com deficiência etc.¹⁰, pois as pessoas são gêneros não só pelo sexo, mas por causa dos códigos linguísticos e representações culturais.¹¹

³ SOUZA, Sandra Duarte de. O gênero escrito na literatura evangélica: Notas sobre a regulação religiosa do feminino. Religião e Educação para a cidadania. São Paulo: Paulinas, 2011.

⁴ LAURETIS, Teresa de. A Tecnologia do Gênero. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa (Org.). Tendências e Impasses: O feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. pp. 206-241.

⁵ PATEL *apud* ZANELLO, Valeska. Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, 2018.

⁶ WITTIG *apud* ZANELLO, 2018.

⁷ FOUCAULT *apud* ZANELLO, 2018.

⁸ SHOWALTER *apud* ZANELLO, 2018.

⁹ LAQUER *apud* ZANELLO, 2018.

¹⁰ PEDRO *apud* ZANELLO, 2018.

¹¹ ZANELLO, 2018, p. 46.

Afinal, se estabelece um script do que é homem e mulher¹² e, nesse script, tem uma forma de subjugar, de desequilíbrio que se dá em diversas instâncias.

Esse desequilíbrio foi-se estabelecendo, primeiro, pelo moralismo religioso, vindo no sec XVIII/XIX e depois veio a se consolidar dentro do discurso médico, num moralismo científico.¹³ Não só estes, mas também a publicidade e o jornalismo se encontram para observar e controlar. A medicina e as áreas de saúde, como a psicologia, se tornaram cada vez mais uma ciência da fiscalização e da repressão moral¹⁴ e sempre focada nas mulheres como percebemos na autora que diz que “para isso, era preciso manter-se bela, saudável e praticar a arte de agradar, de encantar, mantendo-se sempre próximas ao ideal da amizade amorosa”.¹⁵

Sempre ser vista como um ser para o outro¹⁶, tanto que Del priori¹⁷ aponta que em 1996, 54% das mulheres brasileiras em média, gastava 20% do seu salário em produtos de beleza. E, nesse processo, suportam o desamor e adoecem¹⁸ tanto que relações ruins, marcadas pelo sexismo e o investimento desigual é um fator de risco e adoecimento psíquico.¹⁹

E, sempre, as mulheres negras são as que mais adoecem nesse processo,²⁰ sendo as que mais ficam sozinhas,²¹ mais afetadas pelo padrão estético e, em uma sociedade em que ter um marido é até mais importante que votar²², encontram-se em lugar de alta vulnerabilidade.

Uma das formas mais severas de exercício do patriarcado é o silêncio. O silêncio para a mulher é um reflexo de sua posição de gênero. Trata-se de uma estratégia de sobrevivência e enfrentamento, enquanto mantém a paz nas

¹² ZANELLO, 2018.

¹³ DEL PRIORI, Mary. Histórias íntimas. Editora Planeta do Brasil, 2011.

¹⁴ DEL PRIORI, 2011.

¹⁵ DEL PRIORI, 2011, p. 254.

¹⁶ BASAGLI *apud* ZANELLO, 2018.

¹⁷ DEL PRIORE, Mary. História do amor no Brasil. Editora Contexto, 2009.

¹⁸ Zanello, 2018, p. 95.

¹⁹ DUSH; AMATO *apud* ZANELLO, 2018.

²⁰ ZANELLO, 2018, p. 104.

²¹ PACHECO *apud* ZANELLO, 2018.

²² ZANELLO, 2018.

relações amorosas.²³²⁴ E, não somente, mas também os homens aprendem a silenciar mulheres nessa relação.

Outra representação de gênero importante a ser destacada é a imposição de uma disponibilidade afetiva e sexual da mulher sempre.²⁵ Isso pode causar situações como o estupro matrimonial,²⁶ por exemplo, e outras violências. O fato das mulheres não enxergarem como violência não faz que elas não sejam violadas psicologicamente e que o sempre ceder não afete sua vida psíquica e sua saúde mental, tanto que o estupro dentro do casamento é considerado um fator de risco para a depressão de mulheres casadas.²⁷ E, em contrapartida, novamente vemos pouca capacidade de renúncia vinda dos homens, o que causa uma relação desigual.

E tal percepção de obrigatoriedade imposta a mulher sustenta a maternidade compulsória que, na história do Brasil, desde a colônia, controla as mulheres.²⁸ Essa obrigação, que começou a acontecer no século XVIII, manteria o lar e a sociedade, como um pilar, símbolo de entrega e de amor terno. Segalen²⁹ traz o termo “santa mãezinha” que resume o aspecto religioso, inspirado em Maria que contrapunha a ideia de Eva, a pecadora, a qual pairava sobre as mulheres antes deste século. Assim, a gravidez não se configura como uma escolha desde então e influenciando até hoje no debate sobre o aborto legal. A mulher que pensa em si e não nos outros é monstruosa³⁰ e isso é tão real que, mesmo em um momento de neoliberalismo, o trabalho feminino ainda é visto como algo descartável. O local da mulher no espaço público continua sendo o de cuidado, das profissões ditas femininas.

Assim, não há lacunas nas quais apareçam satisfação, cansaço, arrependimento, raiva, ou mesmo dor. Tudo realizado pela mulher, mesmo

²³ DINIZ, G.; PONDAAG, M. Explorando significados do silêncio e do segredo nos contextos de violência doméstica. *Direitos humanos e violência: desafios da ciência e da prática*, p. 171-185, 2004.

²⁴ DINIZ, G. . A face oculta da violência contra a mulher: o silêncio como estratégia de sobrevivência. *Violência, Exclusão Social e Desenvolvimento Humano: Estudos em Representações Sociais*, p. 233-259, 2006.

²⁵ ZANELLO, 2018, P.120.

²⁶ LAGARDE, 2011 *apud* ZANELLO, 2018.

²⁷ ZANELLO, 2018.

²⁸ DEL PRIORI, 2009

²⁹ 1989 *apud* ZANELLO, 2018

³⁰ SOIHET, 1989, *apud* ZANELLO, 2018

segundo IBGE (2010) apontando que 94,85% das mulheres exerciam dupla jornada de trabalho, contra 5,2% dos homens, deve ter uma “capa afetiva”.³¹ Vinda sempre com doçura, feminilidade, propensão natural à dedicação e ao sacrifício, debilidade, necessidade de proteção e autotutela, a subjetividade da mulher sempre deve estar focada no outro e, quando o faz, não fez mais do que sua obrigação. Nesse meio, o sistema religioso não se isola, pelo contrário, está em contato com outros sistemas culturais que refletem essa hierarquia. Então, há uma introjeção de estereótipos de Gênero, como a submissão, o estupro e a violência doméstica.

Então vemos a religiões como fenômenos sociais, que são complexos e contraditórios, sendo um desafio teórico. Da mesma forma que olhamos raça e classe em relação a gênero, devemos olhar a relação mulher-religião e religião-mulher. Possuem forças subordinadoras e conservadoras, mas também forças de inovadoras, de mudanças sociais e políticas, assim “As crenças, práticas e representações religiosas agem sobre a realidade, seja reforçando as estruturas sociais, seja modificando-as.”³² Os estudos de mulheres e religiões por muito tempo veio separado do estudo feminista que via a religião unicamente como subordinação. Apesar do processo de secularização as religiões conservam um grande poder de atração sobre as mulheres. Estas representam ainda o público mais significativo nas diferentes religiões do mundo. E, a partir dessa realidade, teólogos, filósofos, sociólogos, médicos, juristas e outras profissões tentam entender essa relação, a partir do gênero.

Nessa disputa acerca da categoria de gênero, os psicólogos se encontram em lugar de interesse pela classe política, devido à influência que esta pode exercer. Para nós, como psicólogos, este deve ser nosso foco de cuidado, pois o próprio Código de Ética (2005) estabelece, nos seus pontos principais, que “o psicólogo atuará com responsabilidade social.”

Uma ênfase importante é a diferenciação de cada país acerca da situação social e sua responsabilidade. Uma psicologia de qualidade técnica, porém engajada. E, nesse pensamento, traz a importância da pesquisa-ação,

³¹ ZANELLO, 2018, p.150.

³² ROSADO-NUNES, 2000, p.213.

com presença social, mas também a necessidade da objetividade. Dados empíricos sociais são necessários se entender, como frequência, instinto, ressonância contextual, direção analítica, estrutura textual, sequência temporal e historicidade. E, atualizando para o Rio de Janeiro do século XXI, perpassa no entendimento da importância da religião.

Podemos e devemos questionar a noção de neutralidade dentro da pesquisa, contudo esta definição auxilia entender onde estão os estudos de Religião dentro das Ciências da Religião. A Psicologia da Religião pode ser entendida a partir da concepção de Vygotsky³³ sobre o psiquismo humano. Para ele, as funções psíquicas têm duas origens: a primeira, cultural, e a apropriação secundária individual. A origem cultural do psiquismo se aproxima, em muito, dos estudos sociológicos da Religião. Levi-Strauss mesmo aponta que a formulação psicológica não é senão uma tradução, no plano do psiquismo individual, de uma estrutura.³⁴ Guardada as devidas separações entre a psicologia e a sociologia, os dois se encontram para a construção do sujeito e na prática profissional. Mauss desenvolve essa diferenciação e aproximação no texto relações reais e práticas entre a psicologia e a sociologia.³⁵

A partir desse segmento, se entende a formação da identidade, as narrativas que já são dadas e como as emoções são construídas sócio-historicamente, sem deixar de ter um caráter individual.³⁶ Dessa forma, não se estuda o rito, a oração, mas como se lida com a Religião pessoalmente. É evidente que o rito, a oração e outras características culturais são necessárias para o entendimento, mas a Psicologia é particularizada a partir da apreensão individual.

Assim, a expressão religiosa não é somente um fato social, mas algo que impregna toda a pessoa e suas potências. Para o autor é necessário ver que a realidade social latino-americana é constituída pela intersubjetividade,

³³ 1978 apud BELZEN, J. Para uma Psicologia Cultural da Religião. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2010.

³⁴ LÉVI-STRAUSS, Claude. Introduction à l'oeuvre de Marcel Mauss. Presses universitaires de France, 1950, p. 16.

³⁵ MAUSS, Marcel. Rapports réels et pratiques de la psychologie et de la sociologie. F. Alcan, 1924.

³⁶ SERBIN, Kenneth P. The Catholic Church, religious pluralism, and democracy in Brazil. 1999.

onde os sujeitos trocam e criam significados de sociedade e política.³⁷ Para isso precisamos de detalhes acerca do cuidado com a população religiosa em si, que tem cor, gênero, sexualidade e classe. A busca então dessa pesquisa vem pela autonomia do discurso sobre cada uma destas mulheres.

A partir dessa separação de papéis entre homens e mulheres que ocorre uma ideia de que haveria “no organismo da mulher, em sua fisiologia específica, estariam inscritas as predisposições ao adoecimento mental”.³⁸ Isso, a experiência de sofrimento da mulher seria continuamente patologizada.³⁹ A psiquiatria e a psicologia ofereceram e oferecem, ainda hoje, grande contribuição para o processo de patologização das experiências das mulheres mães por meio do fenômeno da psiquiatrização e do psicologismo”.⁴⁰ Para estes profissionais, tanto a histeria como melancolia feminina eram associadas a um ser débil, frágil, de natureza imbecil e enfermeira.⁴¹

A mulher só pode ter uma agressividade: autoagressividade, o choro prolongado e a autocompaixão.⁴² São poucas as formas de expressão sincera de sofrimento. O choro é mais essa tentativa frustrada de expressar do que antes era energia agressiva voltada para fora. Para Belotti o choro é o acesso de raiva impotente.⁴³ A valorização a retenção e não expressão, principalmente de raiva e ódio, leva a implosão psíquica nas mulheres.⁴⁴

De modo geral, há questionamento ao sintoma e uma patologização do sofrimento feminino, como ocorreu nos protestos feministas, chamados socialmente de loucura.⁴⁵ Percebemos tal relação de mal estar, por exemplo, na dificuldade de dizer não é frequentemente relatada por elas nos atendimentos clínicos e, muitas vezes, envernizada por uma mensagem de altruísmo.⁴⁶ A cobrança, o sentimento de culpa e a tristeza são mascaradas

³⁷ MAUSS, 1924.

³⁸ ZANELLO, 2018, p.21.

³⁹ MALUF, 2010 *apud* ZANELLO, 2018.

⁴⁰ ZANELLO, 2016b *apud* ZANELLO, 2018.

⁴¹ DEL PRIORI, 2009.

⁴² BELOTTI, 1983, *apud* ZANELLO, 2018.

⁴³ 1983 *apud* ZANELLO, 2018.

⁴⁴ SHOWALTER, 1987, Garcia, 1995, Simon, 2014 *apud* Zanello, 2018.

⁴⁵ SHOWALTER, 1987 *apud* Zanello, 2018.

⁴⁶ ZANELLO, 2018, p.155.

pelo diagnóstico que desigualdade, injustiça e desempoderamento. Para isso é importante pensarmos em recriar as classificações e a quem elas servem.

A saúde mental, para Martin Baró (1984) deve ser vista de forma mais positiva e ampla, que está muito mais nas relações e grupos do que nos indivíduos. Tais relações é que constroem sintomas e síndromes. Isso aponta para a saída do modelo médico para o modelo social. Ideia de que saúde e transtorno mental são somente dos indivíduos, segundo Martin Baró (1984) é falha, pois isso seria simplificar a complexidade da experiência latino-americana.

Nisso, algumas percepções do senso comum sobre saúde mental são excluídas na nova forma de se constituir o psicólogo. Ideias como a “fraqueza” de quem se trata psicologicamente e marginalização dos pobres nessa ciência são rapidamente reconsideradas nessa perspectiva. Outro ponto desconstruído nessa perspectiva é de que os pobres devem ficar com serviços pobres também. Isso se relaciona fortemente com a experiência evangélica no estado do Rio de Janeiro. As faculdades de psicologia de ponta servem a classe média alta da cidade, enquanto faculdades novas, sem tanta ênfase social, ética e política são as que chegam a classe trabalhadora pobre. Nisso, falhas éticas como o surgimento da psicologia cristã e seu alastramento permeiam com mais facilidade nessa população empobrecida.

A importância do reconhecimento histórico dos sintomas aparece até mesmo no DSM, o que demonstra um crescimento desta perspectiva dentro da saúde mental. O foco é pessoal e social, sintetizadas pela frase “são problemas que a pessoa não é capaz de resolver”. Essa humanização, importante salientar, deve ser realizada nos processos sociais, para que, enfim, haja uma rede terapêutica, uma comunidade a qual todos poderão lidar diferentemente com sintomas e as síndromes. Sem a mudança social, pessoas marginalizadas como mulheres podem até tomar consciência de si, mas serão invalidadas.

Algumas pesquisas apontam para a dificuldade de mulheres brasileiras no que tange a manutenção de sua saúde mental. Mauss aponta acerca desse tema que a sanidade do espírito individual implica a participação na vida social,

assim como a recusa de prestar-se a ela (mas ainda segundo modalidades que ela impõe) corresponde ao aparecimento dos distúrbios mentais.⁴⁷

Algumas mulheres encontram no espaço evangélico trabalho e oportunidade de acessar programas sociais em presídios, hospitais, ONGs e até na política.⁴⁸ Percebemos, então, que algumas faltas encontradas na saúde pública são “supridas” de algum modo pelo espaço religioso e, no caso, evangélico. Mesmo nas dificuldades e desigualdades, ainda é um espaço de referência e cuidado.

Essa ambiguidade no cuidado com a mulher é uma controversa que aparece com frequência nas pesquisas feministas ou de gênero. Relatos de religiosos dentro do campo político na luta por reforma agrária, combate ao trabalho escravo, acesso a educação de mulheres, defesa da população indígena tem aparecido cada vez mais.⁴⁹ Um exemplo interessante são o “clube de mães”. Mães católicas na década de 1960 e 1970 se articularam em campanhas a favor de creches, que não existiam nos colégios católicos e conseguiram.⁵⁰

Porém, a própria sociedade tem trazido a tona a necessidade de se repensar gênero, raça e classe em relação com a religião, devido ao crescimento explícito do fundamentalismo religioso na política. Surge a ideia com frequência de que a religião não deveria significar nada para o feminismo ou ela é a culpada por tudo o que acontece com as mulheres.⁵¹ Temos três motivos citados pela autora acerca disso, um dos motivos disso acontecer nas ciências sociais é o tema da secularização, como esvaziamento da religião, Outro é a fixação no sexismo das religiões. E, por fim, é o eurocentrismo de nossas pesquisas acerca do tema da religião, supõe que o número de evangélicos deve aumentar ainda nos próximos anos. Ao mesmo tempo que a espiritualidade produz a oportunidade desta possuir uma vida social, filhos, amizades e possivelmente até um marido, esta utiliza-se dessas concessões

⁴⁷ MAUSS, 1924, p.20.

⁴⁸ MACHADO, Maria das Dores Campos. Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais. revista estudos Feministas, v. 13, n. 2, p. 387, 2005.

⁴⁹ FRESTON, 2011 e Rosado-Nunes, 2008.

⁵⁰ ROSADO-NUNES, 1992.

⁵¹ VUOLA, Elina. Questões teóricas e metodológicas sobre gênero, feminismo e religião. In: Gênero, feminismo e religião: sobre um campo em constituição. Garamond, 2015. p. 39-57.

para apropriar-se dessa pessoa. Essa ambiguidade real na vida das mulheres cria sintomas e síndromes que condizem com a experiência histórica dessa fé.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessa leitura dialética, acompanhada das mulheres e de suas percepções, alguns mecanismos são capturados a fim de construir os pontos principais de tensão e poder. Ao lado de sua experiência de paz, acolhimento e algumas oportunidades, temos algumas instituições bem estabelecidas como o casamento, a maternidade, o racismo e ainda experiências de silenciamento, de apagamento com o corpo e a sexualidade. Todas estas, de algum modo, surgem nas falas dessas mulheres.

Por serem já parte de comunidades religiosas e, em alguns casos, de sociedades femininas, um dos desejos é potencializar estes espaços para serem ambientes de suporte e futuras ações em favor do acesso à saúde delas. O psicólogo, nesse local, serve como agenciador, apoiador, nunca uma liderança e condutor das demandas. Ele trabalha com a linguagem e as representações do meio religioso, a fim de se encontrar com a potência daquelas mulheres. Isso pode ser feito por meio de filmes, trechos de livros, músicas, conversas e métodos por meio dos quais essas mulheres possam se expressar.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ronaldo de. A expansão pentecostal: circulação e flexibilidade. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org.). *As Religiões no Brasil: Continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006, pp. 111-122.
- BELZEN, J. *Para uma Psicologia Cultural da Religião*. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2010.
- DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. Editora Contexto, 2009.
- _____. *Histórias íntimas*. Editora Planeta do Brasil, 2011.
- DINIZ, G.; PONDAAG, M. Explorando significados do silêncio e do segredo nos contextos de violência doméstica. *Direitos humanos e violência: desafios da ciência e da prática*, p. 171-185, 2004.
- _____. *A face oculta da violência contra a mulher: o silêncio como estratégia de sobrevivência*. *Violência, Exclusão Social e*

Desenvolvimento Humano: Estudos em Representações Sociais, p. 233-259, 2006.

IBGE. Estatísticas do CENSO 2010. Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_religiao_deficiencia/caracteristicas_religiao_deficiencia_tab_pdf.shtm>. Acesso em: 28 mai. 2019.

FRESTON, Paul. As duas transições futuras: católicos, protestantes e sociedade na América Latina. *Ciências Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, v. 12, n. 12, pp. 13-30, 2010.

LAURETIS, Teresa de. A Tecnologia do Gênero. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa (Org.). *Tendências e Impasses: O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. pp.206-241.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Introduction à l'oeuvre de Marcel Mauss*. Presses universitaires de France, 1950.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais. *revista estudos Feministas*, v. 13, n. 2, p. 387, 2005.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. Guerra y salud mental. *Estudios centroamericanos*, v. 429, n. 430, p. 503-514, 1984.

MAUSS, Marcel. *Rapports réels et pratiques de la psychologie et de la sociologie*. F. Alcan, 1924.

_____. *Essai sur le don*. *Sociologie et anthropologie*, v. 17982, 1950.

ROSADO-NUNES, Maria José F. De mulheres e de deuses. *Estudos feministas*, p. 5-30, 1992.

_____. Por uma sociologia do poder religioso: elementos para uma crítica feminista. *Religião* ano, p. 131-147, 2000.

_____. Direitos, cidadania das mulheres e religião. *Tempo social*, v. 20, n. 2, p. 67-81, 2008.

ROSENDAHL, Zeny. Território e territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da Religião. *Geografia: temas sobre cultura e espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, pp. 191-226, 2005.

SERBIN, Kenneth P. *The Catholic Church, religious pluralism, and democracy in Brazil*. 1999.

SOUZA, Sandra Duarte de. O gênero escrito na literatura evangélica: Notas sobre a regulação religiosa do feminino. *Religião e Educação para a cidadania*. São Paulo: Paulinas, 2011.

VUOLA, Elina. Questões teóricas e metodológicas sobre gênero, feminismo e religião. In: *Gênero, feminismo e religião: sobre um campo em constituição*. Garamond, 2015. p. 39-57.

ZANELLO, Valeska. *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Curitiba: Appris, 2018.